

O PAI que quis casar com a FILHA



Autor: MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O PAI QUE QUIS CASAR COM A FILHA

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA
Praça José de Alencar, 19
(Antigo Pelourinho) Tel. 3-58-48
Salvador-Bahia

**Suplemento de
Modinha-Revista**

O PAI QUE QUIS CASAR COM A FILHA

O mundo não tem mais jeito,
Segundo o que me parece,
Cada dia que se passa,
Sómente a miséria cresce,
Mas por decreto de Deus
Só se paga o que merece.

Conto uma história passada,
Que conheço tôda a trilha,
De um pai muito malvado
Que quis casar com a filha,
Pois na face da malícia
Nunca a consciência Brilha.

Habitava antigamente,
No território mineiro,
Um grande rico afamado
Com muita terra e dinheiro
E conhecido nas armas
Como o maior cangaceiro.

Chamava-se o grande homem
Joaquim da Costa Morais
Tinha uma única filha,
Com os dezoitos sinais,
Que em beleza e formosura
O mundo não terá mais.

Chamava-se Minervina
Parecia uma princesa,
Rica, bela e educada,
Com o estilo da nobreza,
Parecia uma estátua
Feita pela natureza.

Essa deusa peregrina
Vivia num céu de flôres
Com sua mãe extremosa,
Dona Maria das Dores,
Sem pensar que no futuro
Ia passar dissabores.

Mas Deus quando dá a sorte
No mundo ninguém desfaz,
Adoeceu dona Maria
De uma molestia voraz,
Morreu e deixou a filha
Nas mãos de um satanáz.

Ficando o monstro viúvo,
Já avançado em idade,
Foi procurar uma noiva,
Andou em tôda a cidade,
Sem que achasse uma moça
Que lhe tivesse amizade.

Volto muito pensativo,
Joaquim da Costa Morais,
Só faltava enlouquecer,
Pensando em não casar mais,
Depois chegou-lhe um aviso
Das regiões infernais,

Chegou-lhe no pensamento,
Como uma luz que brilha:
—Venho dar-te a solução,
Nessa tão penosa trilha,
Pois o jeito que tens,
É casar com a tua filha.

Tentado por êsse meio,
Disse êle: assim me convem,
Vou casar com Minervina,
Vamo-nos unir muito bem,
Pois não vou criar galinha
Pra dá capão a ninguem.

Minervina e' um encanto,
A mais formosa mulher,
Ela tem que me aceitar,
Dê o caso no que der,
Eu pra gozar seus carinhos
Dou um quarto a Lucifer.

Hei de abalar todo o mundo
Para amarrar êsse nó,
Pra casar com Minervina,
Do ouro não tenho dó,
Se não vencer por amor,
Venço pelo catimbó.

Eu vou deixar êsse monstro,
Com o seu plano infeliz,
Para tratar de um rapaz,
José da Silva Muniz
Que era seu empregado,
Vivendo muito feliz.

José da Silva Muniz,
Môço de muita coragem,
Nunca temeu a desgraça,
Brigava em toda paragem,
Guardava as costas do velho
Quando andava de viagem.

Trato agora do malvado,
Com sua ação vil, cretina,
Quando foi chegando em casa,
Como uma fera assassina,
O que foi que êle fêz
Pra conquistar Minervina.

Inventou uma viagem
Mandou o rapaz fazer,
Para declarar-se a filha
E nada ninguém saber,
Pois o môço na presença
Poderia a defender.

Assim que José saiu,
Me chamou Minervina:
—Minha querida filhinha,
● teu pai não se domina,
Diante de minha alma,
Tuá beleza fascina.

Pois me vejo acabrunhado,
Com minha vida em perigo,
Para viver neste mundo
Hoje só conto contigo,
Se fizeres o pedido
Dêste teu pai e amigo.

Só assim e' como posso
Ter novamente um abrigo
E tu filhinha és a única
Que me salva do perigo,
Aceitando o meu pedido,
Pra te casares comigo!

A môca ficou pasmada,
Quase sem resolução,
Pensava ela: meu Deus
Só sendo uma tentação!
Depois dêsse pensamento,
Deu-lhe a resposta que não!

Na resposta o velho disse:
—Veja como determina,
Se não te casas comigo,
Cumprirás a triste sina,
Eu mando furar teus olhos
E te botar na campina.

Para as feras te comerem,
Acabando o teu furor,
Veja se e' melhor morrer
Ou aceitar o meu amor,
Do contrário eu te devoro
Com o meu gênio vingador,

A môça disse: papai,
O senhor deve ter calma,
Isso e' tentação do diabo
Para ganhar sua alma
Depois do senhor perdido
Me bate muita palma.

O velho falou zangado:
—Todo plano eu já formei,
Veja logo o que resolve,
A môça disse: eu jurei,
Inda morrendo três vêzes,
Consigo não casarei!

—Com o teu atrevimento
Tudo eu posso acabar,
Dou-te vinte e quatro horas
Para que possas pensar,
No fim nada resolvendo,
Então ei de me vingar.

Nisso saiu Minervina
Foi para o quarto chorar,
Ajoelhada ela exclamava:
—Meu Deus mandai-me buscar
Quero antes morrer
Do que com meu pai casar!

Valei-me oh! Virgem Maria,
Por nosso Pai amoroso,
Por vosso bendito filho,
Aquêlesol glorioso,
Livrâi-me de eu engolir,
Um cálice tão amargoso!

Enquanto a môça ajoelhada,
Sua vida lamentava,
Joaquim, o monstro tirano,
Para um sítio caminhava
Em busca de um feiticeiro
Para vê se a dominava.

Encontrou um homem velho
Dizendo ser feiticeiro
Mas só fazia "trabalho"
Pra ganhar muito dinheiro,
Disse: eu só faço o "serviço,"
Dando cem contos primeiro.

O velho deu-lhe o dinheiro
Todo em moeda esterlina,
Disse: o feiticeiro: eu faço,
Pois ela não se domina,
Joaquim sorriu em gozar
Dos beijos de Minervina.

Porém foi tudo perdido
Porque o tal feiticeiro
Não sabia fazer nada,
Era um fino caloteiro,
Fêz isso para arranjar
Do velho o grande dinheiro!

Esse tal catimbòzeiro
De mentir não tinha pejo,
Disse ao velho: a sua filha
Vai saciar seu desejo
E quando chegar em casa
Ela lhe dará um beijo!

O velho saiu às pépas
E quando em casa chegou
Que foi entrando no quarto
Com a filha se abraçou,
Um grande murro na cara,
Foi o beijo que levou!

A môça nesse momento
Ficou quase alucinada,
Deu um bofete no pai
Com uma fôrça tão danada
Que êle foi cair na sala
Com a cara ensanguentada.

Quando o velho levantou-se
Com a face tôda inchada,
Disse para Minervina:
— Oh! filha amaldiçoada,
Já dei tudo por perdido,
Minha raiva hoje é vingada!

Chamou dois cabras e disse:
---Antônio e Pedro Saldanha,
Levem-me esta maldita,
Para acabar toda a manha,
Furem os dois olhos dela
E a deixem lá na montanha.

Aquêles dois celerados
Seguiram nessa jornada,
Sem a menor compaixão,
Levaram a môça amarrada,
Para fazer a vingança
Da serpente envenenada!

Seguiram pela montanha
Até o ponto desejado,
Disse Antônio: é aqui,
Vamos cumprir o mandado,
Para que nosso patrão,
Fique de tudo vingado!

Ô Pedro aí contemplava
A beleza da donzela,
Dizendo dentro da alma:
---Oh! Minervina, és tão bela!
Logo convidou Antônio
Para se gozarem dela!

Antônio respondeu: não
Enjeitemos o "pirão",
Vamos tirar os atrasos
No lombo deste "peixão"
Depois a vingança é feita
Como mandou o patrão.

A mãe naquela hora
Faziam horror seus brado,
Ajoelhada ela exclamava:
-- Oh! Deus, pai dos desgraçados,
Defendei a minha honra
Das mãos destes dos malvados!

Valei-me oh! Virgem Maria,
Refúgio dos pecadores,
Defendei a minha vida,
Nossa Senhora das Dores,
Livrai-me oh! meu Pai Eterno
Dêste dois devoradores!

Aqui deixo Minervina
Sofrendo o maior tormento,
Falo de José Muniz,
Pois é chegado o momento
De falar sobre a viagem
Com todo o acontecimento.

José que fêz a viagem
A mandado do patrão,
Quando já vinha de volta,
No meio da solidão,
Embrenhou-se na floresta,
Não achou mais direção.

Perdido pela montanha,
Não acertava a estrada,
Mas andava sem receio,
Porque não temia a nada,
Lôbos, tigres que encontrava
Devorava-os na espada.

Um dia pelas dez horas,
Foi ouvindo uma zuada,
Chegando mais perto viu
Uma jovem ao chão prostrada
E dois homens combinando
Pra deixá-la denonrada!

José da Silva Muniz
Reconheceu Minervina,
Sua patroa estimada,
Pra êle era prata fina,
Que quase desfalecida
Lamentava a sua sina.

Êle ficou como um louco,
Partiu com tal rapidez,
Que de uma só espadada,
Cortou os dois de uma vez,
Se Minervina não solta,
Teria cortado os três!...

Com aquela ação de mção,
Desfaleceu Minervina!
José botou-a nos braços,
Como quem não se domina,
Ficou esperando auxilio
Da providência divina!

Passando cinco minutos,
Ela tornou da vertigem,
José disse: Minervina,
Responda qual a origem
De achar-se nesse perigo,
Sendo a mais formosa virgem?

Minervina respondeu:

-- José, eu fui condenada,
Só porque não aceitei
Ser por meu pai desposada,
Ali contou todo o drama
Daquela cena passada!

José ouvindo a história
Ficou quase alucinado.
Disse: eu vou levá-la em casa
Pra resolver o passado,
A môça disse: eu não quero
Vê-lo por mim desgraçado!

Disse José: não tem nada,
A sorte Deus e' quem dar,
Quero que o patrão me diga
Onde foi que ouviu falar
Num infeliz drama desse!
Um pai com a filha casar?

A pobre môça, coitada,
Não queria mais voltar
Mas o rapaz insistindo
Fêz ela não protestar,
Então caminharam ambos,
Sem um momento parar.

E foram chegar em casa
Às duas da madrugada.
O velho estava dormindo
Acordou-se com a zuada,
Por José bater na porta
Com uma força agigantada!

Quando o velho abriu a porta
Já vinha todo equipado,
Quando foi vendo José
Com Minervina ao seu lado,
Deu-lhe toda a hidrofobia
Ficou como um cão danado!

José disse: meu patrão,
Está aqui Minervina
Pra resolvermos o caso,
Veja logo o que destina
Pois estou determinado
A morrer pela menina!

O velho disse: ora esta!
Compreenda essa embrulhada!
Como deu-se êsse fenômeno,
Eu não posso atirar nada
Mas mato logo o padrinho
Depois entra a afilhada!

Nisso êle atirou no môço,
José do tiro livrou-se,
Também atirou no velho
Porém ele desviou-se,
Cobriu-se o mundo em fumaça
Quando a batalha travou-se!

José brigando gritava:
--É êste o seu casamento,
A bala do meu revólver
É hoje o seu sacramento
E a ponta do meu punhal
É a noiva no momento!

O velho disse: menino,
Vamos ver quem cai primeiro,
Você vai se acabar logo
E ela vai por derradeiro,
Para você vê o peso
De um velho macho, guerreiro!

José repetiu dizendo:
--Vamos ver Deus por quem é!
Eu defendendo uma virgem,
Aguento firme, de pé,
De não sair derrotado,
Tenho em Jesus muita fé

**O velho disse: cabrinha
Pois eu não temo a desgraça,
Esse negocio de santo,
É para mim uma graça,
Segure as armas na mão,
Vamos subir na fumaça!**

**De bigodes emendados.
Ali ninguém chegou mais,
Terminando a munição,
Bateram mãos aos punhais
O velho disse: você
Vai vê como um homem faz!**

**José já estava ferido,
Nessa voz endoideceu,
Pulou em cima do velho,
Tal punhalada lhe deu
Que o monstro deu um grito
E com essa esmoreceu!**

**Já com o velho pegado
Dizendo: você conheça
Que não sai das minhas unhas,
É melhor que não se cresça,
Vai casar com o meu punhal
Se é homem não esmoreça!**

**O velho disse: amiguinho
Não me faça essa desgraça,
Não cometa essa vingança
Isso é momento que passa,
Lhe peço por Jesus Cristo,
Tal desonra não me faça!**

**Bem vê que sou seu amigo
E demais sou seu patrão,
Pelo leite que mamou,
Tenha de mim compaixão,
Lhe peço por Deus Eterno,
Pela sagrada paixão.**

A moça disse: Jose'
Dêle não se compadeça,
Quem faz o que êle fêz,
É bom que muito padeça,
Nisso trazia um revólver.
Deu-lhe um tiro na cabeça!

Jose' disse: Ave Maria!
Por que matou o amigo?
Diz Minervina: isso e' nada,
Pior êle fêz comigo!
Porque um pai dessa forma,
Não e' pai e' inimigo.

Disse o môço: isso e' verdade,
Mas eu não queria assim,
Queria mostrar se êle
Não se sujeitava a mim,
Depois de tudo na paz,
O prazer era seu fim.

--Isso assim eu não queria
Pois pra mim era um tormento,
Vivia sobressaltada;
Não descansava um momento,
Cesteiro que faz um cêsto
Pode ate' fazer um cento.

Vamos agora enterrá-lo,
Já salvos dêsse perigo,
Pois êsse malvado era
Nosso maior inimigo
Somos donos da riqueza,
Agora eu caso contigo,

Jose' disse: Deus me livre,
Não tenho tal pensamento,
Não foi com êsse intuito
Que livreí-a do tormento
E mesmo rico com pobre
Não se une em casamento

A môça disse chorando:
--Tão desditosa sou eu
Que amo sem ser amada,
Grande tormento e' o meu,
Vou já morrer enforcada
Teu esforço não valeu.

Jose' então respondeu:
--Eu acho muita baixeza,
Você casando comigo
Diminui sua nobreza
Respondeu-lhe Minervina:
--Sem ti não quero riqueza

Assim Jose' convenceu-se
Daquele amor verdadeiro,
Casou-se com Minervina
No dia dois de janeiro,
Foi a festa mais bonita
Que houve no mundo inteiro.

Depois que Jose' casou-se
Tomou conta da riqueza
Foi viver com Minervina
Na mais completa firmeza
Desfrutando aquela oferta
Que lhe deu a natureza

F I M

1406

Já estão à venda as hilariantes historias que
satisfará ao mais exigente leitor!

De MANOEL D'ALMEIDA FILHO:

- «O Poder da Caridade»
- «A Mulher que não negava o amor de Deus»
- «Jesus e S. Pedro na casa dos Pobres»
- «A Afilhada da Virgem da Conceição»
- «A Beata Santa, ou o falso Cristo»
- «O Exemplo de um Servo de Deus»
- «O pai que quiz casar com a Filha»

De RODOLFO COELHO CAVALCANTE:

- «O Homem que virou Mulher»
- «Anedotas e Proezas de Bocage»
- «A Moça que virou Cavallo»

De ANTONIO ALVES DA SILVA:

- «Maria Besta Sabida»
- «O Principe Perdido no Deserto»
- «Clarindo, o Mascate Endiabrado»
- «A Eneruzilhada do Amor»
- «As Palhaçadas de João Errado»
- «Os Quatro Amigos Valentes»
- «Entre o Amor e o Perigo»
- «Amor de um Principe Valente»

De AUGUSTO FERRALUSO:

- «Sacrificio de Mãe»
- «Amor, Ciume e Loucura»
- «A Historia da Princeza Corina»
- «A Tragedia Brutal»
- «O Sócio do Diabo»

De E. DE SOUZA:

- «O Mundo de Cabeça para Baixo»

À venda com descontos especiais para Revendedores na TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA —
Pr. José de Alencar, 19, (Pelourinho) - Salvador-Bahia

Leia e propague: MODINHA -REVISTA - Uma revista de modinhas?

NOVO ENDERÊÇO
Rua Alfredo Brito N.º 18